

O BRASIL, VISTO POR OLHOS FRANCESES

O pensador Alain Touraine avalla a imagem do País na França e na Europa e seu papel no mundo em um futuro próximo

JT — Qual é a imagem que o sr. avalla do Brasil?

Alain Touraine — Penso que na opinião pública francesa, a imagem do Brasil é fragmentária e contraditória como, aliás, a da maioria dos países. Não creio existir muita gente, na França e mesmo na Europa, que tenha uma imagem coerente, bem integrada, articulada, de um país. Vivemos num mundo contraditório. Se você cita os Estados Unidos, por exemplo, seu interlocutor tenderá naturalmente a falar dos guetos de negros e do mundo microsoft. Se você me permite não ser muito sério, diria que as imagens do Brasil são particularmente contraditórias — Copacabana, praias e belas mulheres nuas combinadas com assassinatos de crianças nas ruas. Ao lado dessa imagem um tanto caricatural, há uma outra, forte, que simboliza a modernidade do Brasil e que é encarnada por Ayrton Senna. Um piloto de tal nível não surge do nada. Surge do fato de que existe no Brasil uma capacidade técnica, uma cultura industrial. Neste ponto, tomemos o caso de São Paulo, que é um tempo forte, poderoso na representação que o europeu faz do Brasil, mas, ao mesmo tempo, tal imagem é turvada pelas cenas da miséria, da violência, etc. Há ainda o caso da Amazônia, que é confuso. A imagem que acaba predominando do Brasil na memória francesa e européia é a da contradição, dos contrastes vertiginosos. Agora, os franceses, e os europeus em geral, não têm uma imagem clara da política brasileira. Esta se orienta no sentido da modernização ou se resigna ao subdesenvolvimento, com suas seqüelas — a corrupção, o clientelismo, etc.? Não sei. Penso que o sentimento dos europeus em relação ao Brasil pode ser assim resumido: trata-se de um país onde as desigualdades sociais são de tal ordem e aumentam numa tal velocidade que

acaba ficando muito problemática a sua administração. Mas o Brasil não é um caso isolado. Aqui mesmo na Europa, a Itália, por exemplo, tem muito a ver com o Brasil nesse domínio, com a miséria, a corrupção, a máfia ou o crime organizado no Sul — e o país ultramoderno, no Norte.

Para o sr., universitário, humanista, o que representa Fernando Henrique na Presidência do Brasil?

Não sou a melhor testemunha. Em todo caso, acho que é uma coisa

“IMAGENS DO BRASIL SÃO PARTICULARMENTE CONTRADITÓRIAS — COPACABANA, PRAIAS E BELAS MULHERES NUAS COMBINADAS COM ASSASSINATOS DE CRIANÇAS NAS RUAS”

extremamente importante. Para começar, creio que existe muito mais continuidade entre Fernando Henrique, homem público, e sua obra intelectual do que pensam numerosas pessoas. Talvez seja um ponto fraco meu o de considerar como importante o fato de um sociólogo de grande qualidade ter a responsabilidade de dirigir o Brasil. Agora, o que me preocupa e me interessa é verificar em que medida a reflexão sociológica, a reflexão econômica, enfim, o conjunto das ciências humanas pode contribuir para reforçar o processo político brasileiro, que é fraco, pobre, com capacidade limitada de iniciativa, sem arrojo nas ações. Apesar disso, espero que o sociólogo de grande envergadura, Fernando Henrique, encontre os meios para assegurar uma certa integração entre as duas metades do Brasil, para combinar o desenvolvimento econômico e a modernização com a indispensável

integração social. Ora, estamos aí em face dos problemas colocados pela obra sociológica de Fernando Henrique há 20 anos e examinados à luz da temática da dependência. Ou seja, a situação de uma sociedade moderna às voltas com problemas de integração nacional, de classes, de “explosão” do setor informal, de exclusão e marginalidade social, pobreza, fome, etc. Minha esperança permanece intacta, de ver um sociólogo de grande qualidade conseguir, por sua ação política, promover a integração das duas metades do Brasil, colocá-las em conjunto da maneira mais harmoniosa possível.

Em que a orientação que o sociólogo Fernando Henrique pode dar aos destinos do Brasil tende a ser diferente da de um político convencional?

Por causa da formação de Fernando Henrique, a orientação tende a ser bem diferente. Quanto aos resultados, isso já é uma outra história. Explico-me: o mundo político brasileiro, como, aliás, nos demais países latinos, é um mundo muito autônomo. Aqui, fora, entre os que acompanham a vida do País, o sentimento permanente é de que os homens políticos brasileiros estão a serviço dos poderosos, da “política dos governadores”, dos corporativismos diversos, etc. A impressão que se tem é a de um mundo artificial, de puro jogo e ou jogadas, é um mundo fraco, com pouca capacidade de formulação, um mundo conservador, de preferência. Assim, de quem, como Fernando Henrique, processou uma reflexão sobre o conjunto da sociedade, nós esperamos que ele, no comando do Brasil, tenha uma visão mais global, mais integracionista. Não tenho a menor dúvida quanto ao amplo descortino de Fernando Henrique. Agora, resta o ponto de interrogação entre o pensamento, a vontade de transformar o País no seu conjunto e a realidade do sistema

político. Um sistema político que freia manifestamente as iniciativas. O freio, não só no Brasil como em outros países, é dado também pelos corpos intermediários, sindicatos, grupos de pressão diversos, partidos e instituições políticas, em defesa das vantagens e garantias acumuladas pelas classes médias em geral. Não digo que se deva enfraquecer, debilitar as classes médias, mas, no Brasil, na América Latina, na Europa, em toda a parte, a prioridade na consignação de recursos precisa ser dada à luta contra a pobreza e os programas de modernização. Não é fácil, porque a política na França, Itália, Espanha ou Brasil, entre outros, favorece, de preferência, as categorias médias, próximas do Estado, em cujo aparelho elas exercem grande influência. Portanto, o que esperamos desses países é a adoção de uma política mais vigorosa em favor da inovação técnica e econômica e contra pobreza e a exclusão social.

Que gênero de ambição o sr. gostaria de atribuir à França ao receber o presidente do Brasil?

Deixemos de lado a questão da globalização, que me parece extremamente superficial e por isso mesmo perigosa. O século que vem aí não será o século da globalização ou mundialização. Será, isto sim, o século das relações entre grandes conjuntos ou blocos geoeconômicos que já possuem contornos mais ou menos bem-definidos. Enfim, voltando à pergunta sobre a ambição, o que acho importante não é propriamente a relação França-Brasil nos seus diferentes aspectos, mas a capacidade de a França e a Alemanha, que jogam pesadamente a carta da integração européia, se entenderem com o Brasil, país líder do Mercosul, e ajustarem, digamos, suas estratégias geopolíticas. Claro, a situação da América Latina é complicada porque os países da região querem manter boas

relações com os EUA e, além disso, a Europa é pouco presente na área. De qualquer forma, minha ambição é de que haja o fortalecimento das relações entre o Mercosul e a União Européia. Fortalecimento que não se faria em detrimento ou contra o Japão e os EUA, mas como um dos elementos próprios da nova organização geopolítica do mundo. Portanto, penso que o diálogo franco-brasileiro, doravante, deveria colocar-se nessa ótica, ou seja, como se

“O QUE ME INTERESSA É VERIFICAR EM QUE MEDIDA A REFLEXÃO SOCIOLÓGICA PODE CONTRIBUIR PARA REFORÇAR O PROCESSO POLÍTICO BRASILEIRO, QUE É FRACO, POBRE”

chegar a uma melhor compreensão e gestão do mundo de hoje.

Se o sr. só tivesse uma pergunta a fazer ao presidente do Brasil no encontro da Sorbonne, qual seria?

Minha pergunta — como Fernando Henrique imaginaria o estado do mundo dentro de 50 anos e, em particular, se ele não acredita que o planeta irá conhecer nova vaga de regimes autoritários ou, mesmo, totalitários, vaga de procedência asiática, de preferência. Tenho minhas inquietações quanto a um recuo da democracia no mundo no início do próximo século, provocando, em consequência, a eclosão de regimes duros, ditatoriais, tal como aconteceu na primeira metade do século 20. Creio igualmente que, com maior identidade em seus interesses, mais próximas em suas relações culturais e políticas, a América Latina e a Europa deverão ficar a salvo dessa previsível onda autoritária, que poderá se esten-

der pelos novos países industrializados como a Indonésia, por exemplo, e tendo a China como referência. A meu ver, como o Japão e a Alemanha no passado, os novos países industrializados tenderão a ser autoritários e tentarão mobilizar suas populações com as motivações de um nacionalismo cultural. Isso mesmo aconteceu no México após a revolução. Mas será que esse perigo vai existir como eu o imagino? Na minha hipótese pessimista sobre a democracia no início do próximo século, está devidamente considerada a força antiautoritária que predomina no Brasil, hoje. Porém, será que o presidente Fernando Henrique disporá dos meios necessários para que o Brasil, entre tantos outros países, não seja tragado por um vagalhão autoritário ou totalitário?

Então, a seu ver, o que vai ser o Brasil no próximo século?

As previsões a longo prazo valem o que valem, são enganosas por excelência. Não saberei dizer o que vai ser o Brasil, mas poderei me interrogar sobre seu problema. O problema do Brasil é que ele se acha ameaçado por dois perigos que se opõem. O primeiro é o de se tornar um país autoritário, como já foi num passado recente. O segundo perigo é o de ver agravada a dualização da sociedade brasileira, com São Paulo se convertendo numa espécie de Cingapura, ou seja, voltado mais para o mundo do que para o Brasil. Sem dúvida, o Brasil deve ser uma das grandes potências do século 21. Entretanto, para que o futuro do Brasil não seja comprometido pelo autoritarismo e por uma trágica dualização da sociedade, é preciso que o sistema político brasileiro tenha uma capacidade de iniciativa e de ação mais determinada, ampla e efetiva. No momento, ela é extremamente insuficiente e se esgota na defesa de interesses corporativistas em todos os níveis.